

### III

## Estado historico da flexão

**Genero.** — Em geral, os generos latinos foram conservados nos vocabulos portuguezes, quer nos masculinos, quer nos femininos. Os neutros tornaram-se masculinos (tempo, de *tempus*; mar, de *mare*); ou passaram muito poucos pela fórma do plural em *a* a ser femininos, como *animaria* (animalia), *obra* (opera), *folha* (folia).

No entanto, convém notar as seguintes divergencias:

1. Os femininos, latinos em *e* tirados do grego tornaram-se, em grande parte, masculinos: *aloes*, *epítome*. *Catastrophe* é masculino em Vieira.

2. Os nomes em *or*, masculinos em latim, tornaram-se, alguns, femininos em portuguez: *côr* (color), *dôr*, etc; por influencia do suffixo *ura*, feminino, e *ora*.

3. Muitos dos nomes gregos em *os*, que eram femininos no latim, tornaram-se masculinos: atomo (*atomus*), dialecto (*dialectus*, *i*), diametro (*diametrus*, *i*), diphthongo (*diphthongus*, *i*), ermo (*eremus*, *i*), papel (*payrus*, *i*), topazio (*topazius*), e todos os nomes gregos do suffixo — *odos*: *periodo*, *synodo*, etc.; por influencia da terminação — *o* — masculina.

4. Os masculinos *erysipelas*, *paries*, *flos*, *lepus*, *jons*, *ordo*, tornaram-se no portuguez femininos: *erysipela*, *parede*, *flôr*, *lêbre*, *fonte*, *ordem*.

5. Os femininos *dos*, *palus*, tornaram-se masculinos: *dote*, *paul*.

6. Os neutros que se tornaram femininos na fórma do plural, foram da segunda declinação: lenha (*ligna*), folha (*folia*), vela (*vela*), arma (*arma*), fila (*fila*), joia (*gaudia*), testemunha (*testimonia*); ou da terceira declinação: temporas (*tempora*), penhora (*pignora*), obra (*opera*). Alguns femininos derivam de fórmas neutras dos adjectivos: novas (*nova*), maravilha (*mirabilia*), batalha (*batualia*), latim barbaro.

Os neutros monossyllabicos passaram a formas mais desenvolvidas *os*, *osso* (*ossum*, *osso*), *vas* (*vasum*, *vaso*); *os*, *oris*: desapareceu deante de *bucca*, boca).

7. Os nomes em *o*, latim *us*, quando femininos, como os nomes de arvores, ficaram no portuguez, por analogia e força da terminação, masculinos: freixo (*fraxinus*), louro (*laurus*), pinho (*pinus*), figo (*ficus*).

8. A respeito dos neutros, convém observar que se redistribuíram entre masculinos e femininos, conforme a analogia da terminação, mas houve hesitações e ainda as ha, pois contra a analogia popular varias vezes se insurgiram escriptores e eruditos. **A.** Os neutros de origem grega em *ma*, *matris*, ficaram em geral e conforme a boa regra, femininos: *diadema*, *apostema*, *celeuma* e *chusma* (*celeusma*), *asthma*, *feina* ou *fleugma* ou *phlegma*; mas os eruditos sempre quizeram dizer o *thema*, o *aroma*, o *emblemata*, o *poema*, o *symptoma*, o *problema*, o *epigramma*, e assim todos os vocabulos eruditos d'esta especie. **B.** Os neutros em *us* necessariamente se afiguravam pluraes e assim foram entendidos: os tempos (*tempus*), os peitos (*pectus*), os corpos (*corpus*); parece que nestes o singular é de formação tardia como no castelhano, que primeiro conheceu *tempos*, *pechos*, antes do singular *tiempo*, *pecho*. **C.** Os neutros de plural em *a* ficaram femininos por analogia (*arma*, *arma*), e por vezes succedeu originarem se fórmulas duplas do singular e do plural, como: folio e folha (*folium*, no plural *folia*), braço e braça (*bracchium*, plur. *bracchia*) e assim animal, *alimaria*; voto e *hoda*; ovo e *ova*; lenho e *lenha*, véo e *veta*, etc.

---

**Flexões de genero.** — Ha algumas terminações que são características do *feminino*:

- A** — *filha*, *casa*, etc. Esta terminação é a da 1.<sup>a</sup> declinação latina propria dos femininos.
- ISSA** — A fórmula *issa* do grego passou ao latim, e na lingua portugueza apresenta as fórmulas *iza* (*sacerdotiza*), *essa* (*condessa*), *eza* (*baroneza*), *princeza*, etc.).
- ORA e IZ** — A fórmula *triz* (*imperatriz*, *cantatriz*, *cantarina*), etc., é erudita. A popular é a formação analogica, segundo a regra, em *a*: *cantora*, *oradora*, etc.

São dignos de nota os vocabulos que soffrem encurtamento ou distensão de fórmula nas duas flexões: ladrão — *ladra*; rapaz — *rapariga*; mú — *mula*; cão — *cadella*.

Estes nomes têm diferenças explicáveis. Assim, as formas *cabro*, *ladro*, que correspondem aos femininos *cabra*, *ladra*, são arcaicas; a forma *raparigo*, existiu provavelmente, e ainda hoje existe no gallego. *Mú* ou *muu* é a contracção de *mulo*. *Cadella* (*catella*) é etymologicamente o diminutivo de gato (*catus*).

A formação do feminino, já o vimos, é muitas vezes moldada sobre o diminutivo; *gallo* e *gallinha*; *rei* e *rainha*; *czar* e *czarina*. Assim, em regra, ha tendencia de uniformar os masculinos com os augmentativos, e tendencia de uniformar os femininos com os diminutivos.

Alguns nomes masculinos vieram de femininos mais primitivos: *miolo* (medulla), *bolo* (bulla), *cano* (canna), *cimo*, de çima, *madeiro*, de madeira (materia), *arroz*, (oryza), *bolso* de bolsa (byrsa). Inversamente, ha femininos superfluamente formados de masculinos: *peça*, de poço (puteus), *rata*, de raio (radius), *horta*, de horto (hortus), *cunha*, de cunho (cuneus). Na maior parte, ao menos devem ter-se originado da confusão de generos no latim popular. Essa confusão não é, todavia, tamanha que não deixe transparecer seus cambiantes de significação mais ou menos alterada: *bárco* e *barca*, *sacco* e *sacca*, *jarro* e *jarra*. As formas femininas indicam maior amplitude ou grandeza, e antes largura maior que comprimento nas coisas concretas.

Dentro dos periodos historicos da lingua notam-se variações de genero, em grande numero de exemplos. A analogia tornou femininos no periodo antigo e ainda no classico: *a planeta* apressada (Camões), *a clima* humida (Barros), *a fim* (que sobreexiste na expressão *alafim*), *a paradoxa* (doutrina paradoxa — pois a palavra é adjectiva), *a cometa*, etc.

Encontram-se exemplos de *o linguagem* (masc.), *o tribu*, e ainda hoje se diz arbitrariamente: *o* ou *a personagem*. A palavra *arvore* teve genero masculino, e entre outros exemplos citamos o de Fernam Lopez:

“Como a raposa ao pé do arvore” — Chr. 74.

O adjectivo *commum* era de um só genero no singular, como hoje: voz *commum*, lingua *commum*; podendo-se dizer: voz *commua*, flexão que se foi considerando desagradavel.

No emtanto tinha os dous generos no plural: cousas *communs* aos homens (Barros, II, III, 3, e ainda em II, V, 9), etc.

Os adjectivos em *ez* eram dos dous generos no singular: uma mulher *portuguez*, gente *francez*, etc. O mesmo ainda

heje se nota nos adjectivos *cortez* e *montez*, que são dos dous generos. O facto da invariabilidade generica fica ainda demonstrado pela formação dos adverbios em *mente*, construidos com o feminino: *portuguezmente* e *não portuguezamente*.

Tambem na lingua antiga, como já foi notado, carecia de forma feminina grande numero de nomes em *or*: *a autor*, *nossa defensor*, *minha senhor*; e com esse uso ainda se conformam os comparativos em *or*: *melhor*, *peior*, *superior*, etc. Substantivamente se diz a *superiora*, e em Aragão se diz a *menora*, a mulher de menor idade (Menendez Pidal, *Gram.* 117).

Hoje ha tendencia para criar femininos, como *patroa*, *padroeira* — sem embargo de ter a forma *pater*, *padre* e *pae* seu feminino proprio: *madre* que se usa nos derivados *commadre*, *madrinha*, *matriz*, etc.

Numero. — O facto mais importante relativo ao numero é o plural logico expresso pela flexão *a*; os pluraes logicos notam-se nos collectivos, que sob a forma de singular encerram a idéa de pluralidade, *exercito*, em relação a soldado; *povo*, em relação a *individuo*. Ha alguns collectivos que se formam do feminino dos nomes: *moda*, collect. *moda*; *lenha*, collect. *lenha*, etc. Evidentemente o significado de collectividade ou a pluralidade logica derivou do plural morphico dos neutros latinos em *a*:

*modum* — o modo

*moda* — a moda (isto é, os modos).

D'ahi, a analogia uniformizou os outros nomes, como *fructus*, que não são neutros. Do plural latino vieram *alimaria* (animalia), *boda*, *arma*, *cabidela*, *braça*, *celha*, *era* (já no latim havia o singular *era*), *feita*, *ferramenta*, *feita*, *folha*, *ova*, *prenda*, *primavera*, *senha*, *sina*, *temporas*, *testemunha*, *tormenta*, *valla*, *vela*, *vestimenta*, *cereja*, *maçã*, *nespera*, *amora*, *pera*, *batalha*, *maravilha*, *nova*, etc. Vide observação acima a respeito do *Genero*.

Ha muitos nomes que só se usam no plural: *confins*, *algemas*, *arredores*, *annaes*, *arrhas*, *calendas*, *nonas*, *idos*, *temporas*, *ephemerides*, *anaguas*, *expensas*, *essequias*, *hemorrhoides*, *matinas*, *manes*, *nupcias*, *pandectas*, *pareas*, *trevas penates*, *veras*, *viveres*, *alviçaras*, etc.

Alguns d'estes ha que, sendo do plural, têm algumas vezes sido usados no singular: *treva*, *aborigine*, *calça*, *céroula*, *pele*, *delicia*, *prece*; estes tres ultimos são usnaes.

Outros ha que variam de sentido com o numero: *lar e lares, honra e honras, côrte e côrtes, letra e letras, bem e bens, parte e partes, etc.* (1).

**Flexões de numero.** — As excepções que se notam na formação do plural dos nomes são no sentido historico apenas apparentes, como se pôde verificar pela analyse dos factos.

1. *Os nomes que acabam por M mudam o M em N antes de receber a flexão: homem, homens.* Este *m* é um puro signal orthographico analogo ao *n* quando concorre no fim das syllabas. O *m* que se nota no accusativo singular *hominem*, desapparece no plural *homines*.

2. *Os nomes acabados em u e z formam o plural em es: mar, mares; feliz, felizes.* A intercalação do *e* é euphonica e ás vezes euphonica e etymologica (*felices*); a lingua, por indole, rejeita as terminações *rs, zs: mars, felizes.* A presença do *z* e ainda do *x* não tolera o accrescimento de mais de uma sibilante *s*. Os pluraes *mezs, calixs,* por *mezes, calices.* seriam anti-euphonicos. Além d'isto os pluraes latinos contêm o *es: menses, calices.*

Na prosodia hodierna dos poetas portuguezes ha *mars* e *fors* por *mares* e *flores* (prosodia que repugna aos poetas brasileiros).

E' de notar que se encontram nos classicos pluraes que já se não usam: *ourivezes* e *caeses* (J. de Barros). Ainda hoje ha *deuses, simplices.* Em Camões, como já foi dito:

*Alferезes* volteiam as bandeiras.

Lus. IV, 27.

3. *Os nomes em AL, OL, UL, mudam as terminações em AES, OES, UES: sal, saes; anzol, anzoas; paul, paues.* Estes pluraes resultam da syncope do *l*, da consoante média entre vogaes, como se nota em *paço* (pa-latium). Os pluraes de *moral, sol, paul,* seriam *morales, soles, pauls,* e, pela syncope do *l, voraes, sóes, paues.* Da primeira fôrma ainda existem os exemplos: *males,* de mal; *consules,* de consul.

---

(1) Nota ainda F. Costa o arbitrio do uso indifferente do singular ou do plural de certos nomes: Mariquinha ou Mariquinhas, bigorriilha ou bigorrilhas, nariz e narizes. Ajuntemos a esses o de — pae de familia ou pae de familias (uso classico). A mesma coisa nota nos generos: caracteristico ou a caracteristica, chinelo e chinela, com sentido algo diverso.

Com os nomes em *el* ha a particularidade da intercalação de um *i*: papel, *papeis*. Seria anti-euphonica a concorrência de dous *ee*: *papees*.

Com os nomes em *il* convém notar os casos de agudos e graves. Os agudos perdem o *l*: arrabil, *arrabis*; funil, *funis*. E' o caso já apontado da syncope: *funiles*, *funies*, *funis*.

Os graves mudam o *il* em *eis*: docil, *doceis* (dociles).

4. Os nomes em *ão* têm tres pluraes diferentes, conforme as classes: *ão* — irmão, *irmãos*; *ões* — acção, *acções*; *ães* — *escrivão*, *escrivães*. No uso de hoje, por motivo de confusões e falsas analogias, é impossivel determinar as classes que correspondem a cada flexão. Serão (*seranus*) deveria fazer o plural *serãos*; entretanto, nos escriptores, *serões*.

a) Os nomes que derivam da terceira declinação latina, têm o plural em *ões*: acção *acções* (actiones), etc.

b) Os nomes que derivam da segunda declinação, têm o plural em *ãos* ou, poucas vezes, em *ães*: irmão, *irmãos* (germanos); *escrivão*, *escrivães* (scribanos).

c) Podendo-se conferir com ás fórmãs castelhanas, notaremos que as castelhanas terminadas em *anes* (*capitanes*) têm no portuguez o plural em *ães*: capitães. Comtudo, essa analogia, como as outras, não é de rigor.

d) Têm sempre o plural *ãos* os graves: *accordão*, *accordãos*; *orgão*, *orgãos*. Esta regra é a unica que não soffre excepção. Donde se conclue que o uso literario é a unica lição pratica aproveitavel.

---

Seria de todo impossivel nos limites e na indole deste livro consignar a morphologia das flexões nominaes em que o genero, o caso e o numero são interdependentes e já se vieram processando desde o latim classico e o latim vulgar até que se definiram no dominio romanico. Aconselhamos, pois aos estudiosos que mesmo sem se abalancarem ás monographias especiaes, leiam com reservada critica a excellente exposição de Meyer Lübke na *Introduccão ao estudo da philologia romanica*, traducção melhorada (a espanhola, ou a portugueza, de Antonio da Guerra Judice).

---

## IV

### Grãos

Os substantivos *communis* ou *appellativos* e os adjectivos *qualificativos* são susceptíveis de grão.

*Grão* é a maior ou menor intensidade que se póde dar á significação das palavras.

De modo geral, todas as palavras são susceptíveis de grão, desde que não exprimem uma determinação, como os nomes proprios, os pronomes, etc. Os verbos *inchoativos* são phenomenos de grão; basta analysar a formação de *florescer*, de *flo- rir*, *esmorecer*, de *morrer*, etc.

Os substantivos têm dous grãos: o *augmentativo* e o *diminutivo*. O estado normal do vocabulo chama-se *grão positivo*: *casa*, *sala*, *homem*. O *grão augmentativo* fórma-se com a junção de varios suffixos: *ão*, *anha*, *az*, *azio*, etc.

portão	de	porta
montanha	"	monte
campanha	"	campo (1)
mulheraça	"	mulher
copazio	"	copo, etc.

Ha alguns *augmentativos*, que se formam irregularmente, como *homemzarrão*, *casarão*, etc. Nestes intercalam-se letras e syllabas de realce: *espa- dagão*, *fradalhão*, *narigão*, *vozeirão*, *bestalhão*.

---

(1) O suffixo "anha" (*agne*) é mais proprio do francez mas existe tambem no latim barbaro.

E ainda com outros suffixos de emphase: *ladravaz, finorio*.

Alguns autores incluem entre os augmentativos vocabulos que, sem ter maior intensidade, têm maior extensão de idéa. Taes são: *pedraria*, de *pedra*, etc.

Outros são mal formados como *caminhão* (carro automovel) brasileirismo, que nada tem que ver com *caminho* mas é o francez *camion*.

O gráo diminutivo exprime a diminuição da idéa, na qualidade e na quantidade: *chuvazinha, homemzinho*.

Fórma-se ordinariamente com os suffixos *inho, eto, ote, ulo, ino, eo, ito*.

Bichinho	bicho
Livreto	livro ( <i>ital.</i> )
Camarete	camara
Animalculo	animal
Pequenino	pequeno
Ilhéu	ilha
Mosquito	mosca

Quer os *augmentativos*, quer os *diminutivos*, são *syntheticos*, quando expressos por um só vocabulo: *homemzinho*. São *analyticos*, quando expressos por mais de um vocabulo: *homem pequeno*.

Succede frequentemente que os augmentativos e os diminutivos são, por ironia, tomados em máo sentido: neste caso chamam-se *pejorativos*. Exemplos: *sabichão, homunculo, valentão*.

Ha muitos nomes em portuguez que representam vestigios de diminutivos latinos, sem comtudo despertarem actualmente a idéa de diminuição.

ovelha	<i>ovícula</i>	<i>ovis</i>
abelha	<i>apícula</i>	<i>apis</i>
gaiola	<i>caveola</i>	<i>cavea</i>
rolha	<i>rotula</i>	<i>rota</i>
donzella	<i>dominicella</i>	<i>domina</i>
jamella	<i>janniella</i>	<i>janua</i>



Sobre os *grãos* dos nomes, convém fazer as seguintes reflexões:

1. Muitas vezes o feminino de um nome é um diminutivo: do positivo *rapaz*, o feminino é o diminutivo *rapariga* (1); o positivo *gallo* tem para feminino o diminutivo *gallinha*, desde o latim.

2. O genero do augmentativo dos femininos pôde ser masculino: um *mulherão*, um *carão*; o mesmo pôde succeder aos diminutivos: um *espadim*, um *flautim* (de *espada* e *flauta*).

3. Os diminutivos de nomes de animaes são muitas vezes representados por expressões diferentes que indicam varias *phases* da vida animal: *pinto*, *frango*, *gallo*; *bezerro*, *boi*; *novilha*, *vitella*, *vacca*; *leitão*, *porco*; *borrego*, *ovelha*; *poldro*, *sendeiro*, *cavallo*; *borracho* é diminutivo de ave de ninho; *caçorro*, diminutivo de animaes quadrupedes, em geral dos felinos.

4. Os diminutivos de nomes proprios ou *hypocoristicos* constituem uma classe arbitraria, de analyse difficil: *Zézé*, *Juca*, *Zé* (de José); *Marocas* (Maria); *Chico* (no Brasil, Francisco), etc. Variam muito de logar a logar.

Normalmente são diminutivos Henriqueta, Marieta, Antonieta, Paulina, Carolina, etc.

5. O diminutivo pode ter apparencia de augmentativo por causa do suffixo: *pontilhão* (ponte pequena).

**Os adjectivos**, além do caso normal ou *positivo*, têm dous *grãos*: comparativo e superlativo.

Os comparativos e superlativos *syntheticos* irregulares são os seguintes:

Bom (*bonus*) — Melhor (*melior*) — Optimo (*optimus*) — Máo (*malus*) — Peior (*peior*) — Pessimimo (*pessimus*) — Grande (*grandis*) — Maior (*major*) — Maximo (*maximus*) — Pequeno (2) — Menor (*minor*) — Minimo (*minimus*).

---

(1) O masculino *raparigo* existe no gallego, segundo notou o Sr. A. Pimentel.

(2) *Pequeno* de etymo obscuro, parece ser um diminutivo de *péco*. Veja Meyer-Lübke, *Rom. Etym. Wort s. v. pteinus*.

Estes comparativos e superlativos são irregulares, e têm radicaes differentes, como succede aos tres grãos do primeiro: *bom, melhor, optimo*.

E' preciso notar que no uso classico nem sempre se depararam esses comparativos syntheticos. As resoluções analyticas *mais grande, mais bom*, já foram de uso. Pôde-se, contudo, dizer e sempre se disse *mais pequeno, mais máo*. Já a lingua antiga depara: *chus (plus) pequena*. (*For*, de Gravão, 375).

Em phrases antitheticas ou dependentes, uma de outra, a forma analytica é a preferida: Vós sois mais justa que boa e convem serdes *mais boa* que justa — Bernardes — *Floresta* II, 213. Duas canastras *mais grandes* que pequenas — *Arte de furtar*, 368 (exemplos colhidos por F. Costa).

Os comparativos latinos formam-se com a flexão *or*; de *justus, justior*. Em portuguez existem alguns vestigios de taes comparativos, e são:

Maior	{	— de <i>major (mag)</i>
Maior		
Prior	—	de <i>prior (pra)</i>
Senhor	—	de <i>senior (senis)</i> , etc.

Outro processo ariano do comparativo existia no latim archaico com a terminação *ter*, como se observa nas particulas *extra, inter, de ex, in*.

Em geral, como já havia no latim, ha esquecimento dos grãos syntheticos nas formas ditas irregulares, mais propriamente etymologicas. Pertencem á linguagem popular os dizeres *mais peor, mais superior, muito pessimo*, etc., sempre evitados pelos mais escrupulosos escriptores. Com o adverbio *muito* o uso está já autorizado em opposição aos comparativos: *muito peor, muito maior, muito menor*.

A graphia portugueza actual manda escrever *pior*, e essa é realmente a prosodia da palavra.

Os substantivos, desde o latim, podiam ter o superlativo em *issimo*: *oculissimus*, de *oculus*; *dominissimus*, de *dominus*. D'ahi a fórmula *abysmo* (*abissimus*, de *abyssus*), e o pronome: *mesmo, metipsimus*. Filinto Elyσιο empregou o plebeismo *ca-*

*saquissima*, de *casaca*. E' vulgar o dito: *coisissima nenhuma*, por encarecer a negação de *coisa*.

Os hebreus davam, aos nomes, superlativos analyticos por duplicação, como se nota no estylo biblico: *rei dos reis*, *cantico dos canticos*, etc. D'elles é do estylo sagrado vem esse uso: *vaidade das vaidades*.

O superlativo *synthetico*, que exprime o gráo summo, apparece desde o seculo XV (*Leal Cons.*, *Canc. geral*), como no latim, com as flexões: *issimo*, *limo*, *emo*:

Justissimo	de justo
Facillimo	" facil
Supremo	" superior.

Entre os superlativos dos terminados em *il* no positivo, alguns têm o superlativo em *illimo*. O caso mais geral é seguido: *utilissimo*, *humildissimo*, *fragilissimo*.

O superlativo *summo* é uma fórmula contracta de *supremo*, e já existia no latim.

Os *superlativos irregulares* são os que se encostam ao typo latino.

Frigidissimo (friissimo)	de frio, <i>frigidus</i> .
Ultimo — do comp.	<i>ulterior</i> .
Christianissimo	de christão, <i>christianus</i> .
Nobilissimo	de nobilis
Pauperrimo	de pauper

Em alguns irregulares apenas ha modificação de orthographia: *riquissimo*, de *rico*. Neste caso a irregularidade origina-se da necessidade de representar por *qu* o som de *c* forte.

Nos nomes em *vel* adopta-se a terminação latina em *bil*: *amabilissimo*. Entretanto, *miseravelissimo* disse Fr. Luis de Souza na *V. do Arceb.* I, 24, e Vieira, *terivelissimo*.

Os superlativos *syntheticos* em *issimo* não existiam no antigo portuguez, a não ser em um ou outro termo consagrado, v. gr.: *Santissimo*. A sua apparição completa data da renascença literaria, do seculo XVI em diante, quando floresceram os quinhentistas e os grandes escriptores.

Camões prefere sempre as fórmulas alatinadas *miserrimo*, *uberrimo*, *asperrimo* e até *superbissimo*; mas tambem d'elle é *asperissimo*:

Nem o Peno, *asperissimo* contrario  
Do romano poder...

Lus. III, 116.

Ainda dizia *muito* ou *mui muito*, Gil Vicente, III, 268:

Que dos *mui muito* ciumes  
Nasce o *mui muito* amor.

Hoje, diriamos — *multissimo*.

— O comparativo formado com o adverbio *mais* dizia-se de *superioridade*; diz-se de *inferioridade*, quando formado pelo adverbio *menos*; e finalmente é chamado de *igualdade*, quando é formado com o adverbio *tão*. (Veja-se *Gramm.*, curso medio).

O *superlativo analytico* é formado geralmente pela anteposição ao vocabulo dos adverbios *muito*, *nada*, *de todo*, *grandemente*, etc.

*muito* sabio  
*nada* sabio  
*grandemente* sabio

Os *superlativos* d'este genero são chamados *absolutos*. Quando são formados do comparativo

precedido de artigo definitivo, chamam-se *relativos*:

O *mais bello*  
O *menos bello*

Os escriptores classicos, mas não tanto Camões, contribuíram exageradamente para generalizar os superlativos em *issimo*, ainda quando a forma regular fosse em *errimo*, etc.

“Rochedo *asperissimo*” em Camões; Ferreira frequentemente emprega a forma *bonissimo*, por *optimo*.

Diversas causas oppõem-se, em certos casos, á formação de superlativos: a *euphonia* rejeita os superlativos em *issimo* dos esdruxulos *temerario*, *momentaneo*, *aligero*, mas modifica o radical de alguns, de *benevolo*, *benevolentissimo* (benevolente), etc. Algumas excepções parecem toleradas pelo uso: *rapidissimo*, *lepidissimo*, *timidissimo*, quando os termos primitivos não vão além de tres syllabas: *rapido*, *lepido*, *timido*.

A euphonia ainda rejeita a desinencia *issimo* nos nomes em *io*: *tardio*, *sombria*, etc. Entretanto, ha os exemplos: *piissimo*, *friissimo*,

A significação muito precisa de certos vocabulos tambem se oppõe ao augmento expresso pelos superlativos: *primeiro*, *terceiro*, *immortal*, *eterno*, *maritimo*, *terrestre*, *repentino*, etc.

Os superlativos, ainda os que vieram do latim já formados, não admittem o reforço do gráo analytic. E' illogico dizer-se: *muito bellissimo*, *mais superior*, *mais extremo*, etc. No entanto diz-se: *mais* ou *muito intimo*, *muito proximo*; notando-se ainda que ás formas alludidas são susceptiveis do gráo emphatico em *issimo* em alguns casos: *superiorissimo*, *extremissimo*, *mesmissimo* (mesmo, *met-ipsimus*), etc.

— A forma latina *plus*, foi substituída por *magis* nos comparativos analyticos; mas o antigo portuguez conheceu a forma hoje absoluta: *chus*, como no exemplo dos *Ineditos de Alcobaga*: “nem hum *chus* amado que outro” isto é, mais amado. E assim se dizia de Satan: *chus* negro = *mais* negro. *Chus* restou apenas na locução: “não dizer *chus* nem *bas* (Vê *Frases Feitas*, do autor).

E' de facto digno de nota o artigo processo de derivação tomado ao comparativo substantivado: o *prior*, o *senhor*, o *interior*, o *exterior*, o *major*. etc.

---

## V

### Flexão dos determinativos e pronomes. — Declinação

#### 1. GENERO

Os nomes *determinativos* têm a flexão dos substantivos. A característica do feminino é a letra *a*, que representa a desinencia dos substantivos da primeira declinação latina:

todo	—	toda	( <i>totus</i> )
algum	—	alguma	( <i>aliquus</i> )
este	—	esta	( <i>iste</i> )

Na mudança para o feminino, a vogal fechada *e = ê* muda-se em *e = é*: ésta, aquélla (êste, aquêlle) (1).

Alguns são invariáveis, como *que*. *Qual*, não têm genero. Alguns formam irregularmente o feminino, como *meu*, que tem a forma feminina *minha* (antigamente *mia*), por influencia da nasal inicial *m*.

Nesta classe existem vestígios do neutro, por metaphonia, a que já alludimos:

<i>isto</i>	<i>ipsum</i>
<i>isso</i>	<i>istud</i>
<i>tudo</i>	<i>totum</i>

---

(1) Este phenomeno da alteração da vogal (o *umlaut* dos allemães) occorre igualmente com a vogal *ô* alterada para *ó* na generalidade das flexões do feminino e do plural: formôso, formôsa, formôsos, de igual natureza é a modificação da vogal nos verbos: crêsgo crêsce, fujo fôje, destruo, destrôe. Em lugar proprio, examinamos esta serie de factos prosodicos.

Os nomes de numero não têm genero, excepto *um* e *dous*, que têm os femininos *uma*, *duas*; e também os compostos de *cento* (*trezentas*, *quinhentas*, etc.)

## 2. NUMERO

Os *pronomes determinativos* têm o mesmo expoente dos nomes para indicar o plural:

*uns* — *qualquer* — *quaes-quer*  
 *nenhuns* — *alguns* — *meus* — *todos*

São invariaveis: *que*, *quem*, *alguem*, *ninguem*, etc.

## 3. CASOS. DECLINAÇÃO

Entre os *pronomes*, os *pessoaes* têm casos e declinam-se como no latim; é o que se vê da tabella seguinte:

### NUMERO SINGULAR

Nominativo	Eu ( <i>ego</i> )	Tu ( <i>tu</i> )	Elle ( <i>ille</i> )
Genitivo	—	—	—
Dativo	Mim ( <i>mihi</i> )	Ti ( <i>tibi</i> )	Lhe ( <i>illi</i> )
Accusativo	Me ( <i>me</i> )	Te ( <i>te</i> )	—
Ablativo	Com-migo ( <i>mecum</i> )	Comtigo ( <i>tecum</i> )	O ( <i>illum</i> ) lo

### NUMERO PLURAL

Nominativo	Nós ( <i>nos</i> )	Vós ( <i>vos</i> )	Elles
Genitivo	—	—	—
Dativo	{ Nos	{ Vos	Lhes ( <i>illis</i> )
Accusativo	{ Nós ( <i>nos</i> )	{ Vós ( <i>vos</i> )	Os ( <i>illos</i> )
Ablativo	Nosco ( <i>noscum</i> )	Vosco ( <i>voscum</i> )	—

## REFLEXIVO

(para ambos os numeros)

Genitivo	— —
Dativo	— si ( <i>sibi</i> )
Acc.	— se ( <i>se</i> )
Abl.	— sigo ( <i>secum</i> )

### Observações supplementares

1. O genitivo desapareceu com o latim e não figura na declinação dos pronomes. Nota-se no vestígio do genitivo *sui*, no termo *suicidio* (destruição de si mesmo).

2. O dativo *mim* teve a antiga forma *mi*; a prolação do *m* inicial nasalizou a syllaba inteira, ou outra foi a causa. Cf. *si* e *sim*, *assi* e *assim*. No *Parn. Lus.* lê-se a observação (V. 384): "No tempo em que Ferreira escrevia, dizia-se *si* e não *sim*, como hoje". Archaicas e regionaes são ainda as formas *tim* e *sim* por analogia de *mim*.

O accusativo precede historicamente o nominativo nas linguas arianas.

Identica prolação houve em "*muito*", que se pronuncia *muinto*.

3. O accusativo *o* da terceira pessoa (*illum*), é o que chamamos artigo definido, e tinha outr'ora a forma *lo* (*illum*), de que ainda se encontrava vestígios conservados pela euphonia: *vol-o* deus = *vos-o* deus; *dil-o* = *diz-o*; *amal-o* = *amar-o*. (1). A mesma razão da euphonia levou a dizer: *amam-no*.

Quem o veneno espalha pelas veias.  
Curam-no ás vezes asperas triagas.

Lus. IX, 33.

---

(1) Os que dizem que o *l* é simplesmente euphónico, explicam a permuta *r* — *l* em *ama-o* — *amal-o*. Mas como admittiz permutas como *s* em *l*, em *vol-o*, contra todas as leis da phonetica? Houve, pois, queda da letra precedente *r*, *s*, etc, e conservação do artigo *lo*.



O mesmo com o adverbio não: “Não no vês tinto de ira” (VIII, 28, e “quem não sabe a arte, não na estima” (V. 97). É este exemplo que parece amphibologico:

Occultos os juizos de Deus são!  
A's gentes vãs que não nos entenderam.

Lus. X. 38 (2)

E, ainda que não figure na escripta, a ligação euphonica realiza-se com as palavras *bem*, *quem*. Bernardim Ribeiro escreveu:

“A terá *quen* na assi tem.”

Outra forma accusativa, hoje obsoleta, é o *xe* (=se):

Assi *xe* mo fraco eu

Gil Vicente

No caso é expletiva e de puro realce, como nos versos do *Canc. da Ajuda*, apontados por Car. Michaëlis:

querem *xe* viver...  
nunca sei que *x'e* prazer.  
etc.

4. O *ablativo* derivou do latim com a repetição pleonastica da preposição *com*: *com-migo* ant. *com-mego* = *cum mecum*. As fórmas *noscum*, *voscum*, do latim vulgar, são contracções das fórmas completas *nobiscum*, *vobiscum*.

Não concluimos sem fazer notar que alguns determinativos portuguezes adquiriram no seio da lingua certa *flexão* singularissima, que chamaremos *flexão nominal*. Pelo menos no ponto de vista da semantica, esta flexão caracteriza-se pela suffixação *em*:

algu-*em*  
qu-*em*  
ningu-*em*

---

(2) A ed. dos *Lusiãdas* de 1880 do *Gab Port. de Leit.* do Rio, feita quasi que sobre o texto das duas edições de 1572, dá a lição: não os entenderam.

Taes determinativos só se applicam (em geral) a pessoas, e por isso a flexão é puramente *hominal*. O suffixo *em* podia ter provindo de *omen* (que *omen* — que homem), ou, mais provavelmente, de *um*, que na lingua portugueza antiga é equivalente do *on* francez.

Não pode *um* ter que não fale.

Póde, comtudo, empregar-se *quem* com referencia a cousas (V. Syntaxe).

Em qualquer caso, achamos pouco razoavel o etymo, pelo accusativo *quem* de *qui* — recurso que seria inaproveitavel quanto ás outras formas *alguem* e *ninguem*.

O *um* da lingua antiga equivalente a *on* francez, explica-se tanto por *homo* como por *unus*.

A flexão *hominal* é uma opinião singular, naturalmente contestavel.

---

## VI

### Conjugação

#### Tempos primitivos e derivados

Os verbos exprimem diversas condições de modo, tempo, numero e pessoa, por meio de variações da terminação.

A conjugação do verbo é o conjuncto methodico de suas variações.

Methodico, isto é, distribuido por classes de modos, tempos, de numeros e pessoas. As fórmulas verbaes que constituem o systema da conjugação, explicam-se pelas origens latinas ou pela analogia.

Alguns raros latinistas e romanistas allemães preferem distribuir as flexões do *tempo* deixando neste subordinados os *modos*. Assim ao *presente* se ligam as fórmulas do indicativo, imperativo, subjunctivo, etc. A distribuição tradicional evita confusões possíveis. Parece que a denominação allemã *Zeitwort* de algum modo insinuou como principal a idéa de tempo.

1. Os verbos regulares sempre conservam o radical. *Am-ar*, v. gr., em todas as suas fórmulas conserva o thema *am*: *amo*, *amarei*, *amasse*, *amando*.

2. Os verbos regulares são divididos em tres classes: a 1.<sup>a</sup> em *ar*, cujo modelo (ou paradigma) é *amar*; a 2.<sup>a</sup> em *er*, cujo modelo é *receber*; a 3.<sup>a</sup> em *ir*, cujo modelo é *punir*.

Os verbos que se não conjugam exactamente conforme os modelos, embora conservem intacto o radical, são *irregulares*. Ex.: *v-ir*, que conserva o radical *v* em todas as fórmãs.

3. Em grande numero, as fórmãs verbaes são *compostas*, isto é, constituídas por mais de um verbo: *tendo amado*. Os verbos que fazem constantemente parte de tempos compostos, são *auxiliares*, v. gr., os verbos *haver*, *ser*, *ter* (*sou amado*, *hei amado*, *tenho amado*).

### 1. Tempos e Modos (1)

1. Os *tempos* da conjugação portugueza, distribuem-se segundo os *modos* indicativo (independente), *subjunctivo* (dependente), *imperativo* (de imposição) e *infinitivo* (de acção indeterminada).

#### MODO INDICATIVO:

O **presente** — que exprime a affirmação no momento actual ou supposto actual: *canto*, *rio-me*.

O presente denota o habito ou faculdade do sujeito. *Eu canto* pôde significar *eu sei cantar*, *eu tenho o habito de cantar*.

Pôde o presente indicar o acto futuro: *eu vou amanhã* = *eu irei amanhã*.

Pôde ainda indicar o *passado* no estylo historico: Entãc Lazaro ouvindo a voz do Senhor, *levanta-se* da cova (Vieira).

O **preterito imperfeito** — indica a acção simultanea em relação a um momento passado: *ria-me quando chegaste*. Foi por isso chamado *co-preterito*.

---

(1) As derivações das fórmãs verbaes, tempos, pessoas, etc., são tratadas na *Etymologia*.